

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Pétersbourg
Assinatura

Anno. 24 Francs
SENUSTR. 22 9
AVULSO. 4 4
Se recto in Réguo 11 francs por adiante e 20 francs por duas.

2.º Anno. — Volume II. — Número 4.

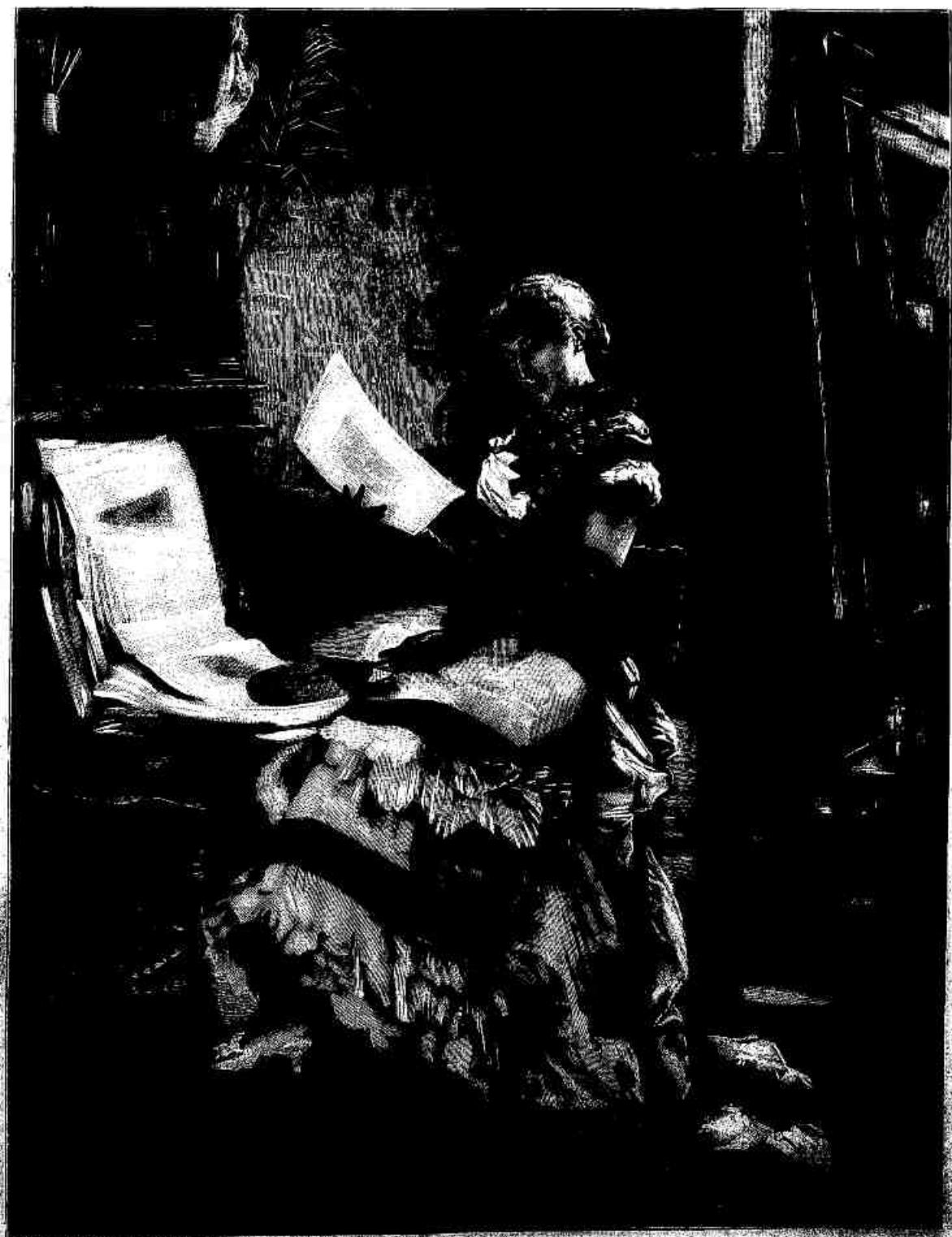
PARIS 5 DE MAIO DE 1885

Director : MARIANO PENA

RIO DE JANEIRO

CARTE DE NOTÍCIAS, 79, R. do Chodr.
Assinatura

Anno. 1º. 12.000
SUSC. 5.000
Anno. PROVINCIAIS. 14.000
AVULSO. 200



EM CASA DO ARTISTA. — Quadro de Edelheit.

SOUZA PINTO

No proximo numero a ILLUSTRAÇÃO publicará o quadro que o distinto artista expõe este anno no Salão de Paris. O desenho do quadro é feito pelo proprio pintor da auctor; e acompanha o desenho o retrato do brilhante artista que no Salão de 1883 mereceu do júri dos artistas franceses uma menção honrosa pela sua esplêndida tela — Culotte d'ochirde.



EMILIO ZOLA

20 de abril.

Escoi hoje mais contente que um pobre diabo a quem dessem um título de marquês, acompanhado de vinte contos de renda. Sinto-me mais alegre que um pombo, quando em tardes quentes de julho o jardineiro das Tuilleries abre os repichos, e elle atravessa n'um voo o grande penacho d'água que no ar se desfaz n'uma poça de diamante líquido. Sinto-me verdadeiramente feliz!... Acabo de experimentar um dos mais bellos momentos que raramente se encontram na vida das leituras, todo teia de dificuldades, de luctas, quasi sempre cheia de desalento, de injustiças e de invejas — apertando vigorosamente a mão do illustre romancista que o mundo inteiro admira e aplaudiu, de que tanto mal se disse, mas que é hoje uma das glórias literárias de França...

Ter um individuo a hora inapreciável de se approximar d'um tal personagem, de estar com elle em suo casa, de lhe falar, de o ouvir, de o ter ali bem perto de si, de poder olhar á vontade para aquella posterior fronte onde ha alguma cousa que nos diz haver lá dentro mundos e mais mundos de gênio — não é cousa que um chronicista deva desprezar. E parece-me curioso fallar-lhes do Zola com quem eu acabo de falar, sentados no mesmo sofá, tendo por unico testemunha da nossa conversa um mandarim de porcelana, de olhos d'amendour, que já estava sentado sobre os calcânihos — como as costureiras — quando entrei; e que assim esteve todo o tempo, todo orgulhoso dos seus bonitos saítes d'um azul, d'um ouro e d'um purpura, ah! d'um purpura, que mais parecia pintado com a tinta idêd d'um poente de meio.

Emilio Zola tem hoje duas casas — a sua casa de verão e a sua casa de inverno. A primeira é a alguns kilómetros de Paris, sobre a linha do caminho de ferro, em Médan; a segunda é na capital, rue de Boulogne. Foi n'esta, o tempo estando ainda incerto para viver no campo, que eu hoje entrei.

A rue de Boulogne, ligando a rue de Clichy à rue Blanche, é uma d'essas ruas curiosissimas e raras como só ha em Paris, que estando no centro d'um grande movimento conservam tutto o aspecto d'uma rua tranquilla dos arrabaldes ou da província, onde ha jardins de relvas, chôpos, flores, plantas exóticas, gatos que ronronam ao sol sobre parapeitos floridos, e pássaros que chirram sobre dossos de telhados. Em vez dos grandes prédios de seis andares que podem alojar de cem a duzentas pessoas,

vêem-se apenas hotel particulaires, aquillo a que nós damos em português o bonito nome de palacete, o hotel defendido por um pedago de muro tendo dos lados dois portões de ferro e recuado de alguma metros, havendo no espaço que vae da rua ao portão um jardim tratado com amor, onde ha estatuetas que espreitam e sorriem para quem passa, e uma rosquinha em semi-circulo ligando os dois portões para dar acceso á curvaçoes. É n'uma casa antiga, com entrada em arco para pavilhões particulares — chalets que vivem constantemente entre ramos de verdura — que Zola mora, no primeiro andar, sobre a ru.

A hora de receber do romancista é das dez da manhã á uma. Depois almoça e vai ou trabalha, sendo apenas visivel no dia seguinte.

O retrato que a ILLUSTRAÇÃO publicou é apenas a mascara do sujeito que tem de estar sentado, direito, impassível, diante da machine photographica. D'este minuto de martyrio obtém-se, como todos sabem, um retrato que serve exactamente o individuo — nadu tem do mesmo individuo! É a exactidão contrafeita. O Zola verdadeiro, o Zola vivo e exacto, é o que pintou este grande artista de Manet, este a quem ha dez annos chamavam Imbecil — este a quem hoje todos chamam Mistre. Quando entro no seu vasto salão de trabalho, introduzido pela criada de bonnésinho e avental branco, o ar contente e orgulhoso de quem sabe que está a servir d'um grande homem — o homem que se ergue da banca onde estava escrevendo e vem para mim, a mão estendida, é exactamente o mesmo que eu tinha visto pintado na exposição Manet. Este retrato, que é celebre entre as obras do falecido pintor, vejo-o agora n'este salão, pregado em frente da mesa onde Zola trabalha.

O salão é vasto; duas grandes janelas sobre a rua; ao lado d'uma das janelas, para receber toda a luz, uma larga meza onde repousa uma antiga caneta de prata lavrada, e vadias folhas de papel já escritas, o trabalho d'esta manhã, e que mais cedo ou mais tarde hão de ir também pela sua vez comover o mundo. Este salão em que me acho é todo forrado de vermelho, d'um vermelho alegre e vitorioso como um trecho da Marselha. Os moveis dispostos ao acaso, este acaso artístico que deixa adivinhar a existencia d'um possuidor de gosto. Sobre uma étagere á entrada, por entre preciosidades de marfim esculpido, o maroto do mandarim sempre a vigiar-me pelo canto do seu olho obliquo! Sofás de velludo, largos, de bôs costas e bôas molhas, onde se está commodamente. Cortinas e biombo de seda que vos contam a traços largos historiotas exquisitas da China e do Japão — chimeras que passam seguidas o voo dos colibris, ou que bolam melancolicos n'um lago de prata sobre folhas de nenuphar...

Zola traz o costume ligeiro, de interior, de todos os artistas parisienses. Casaco de velludo preto abotoado por um só botão; uma camisa de baptiste, sem gomma, o collarinho descalido e desafogado, os punhos sahindo esfolhados, em pregas, pelas mangas do casaco; calcas largas de velludo preto; e sapatos rasos, de pano. A physionomia do romancista de Germinal que os retratos mostram um tanto aspera, inabordavel mesmo, é ao contrario, quando elle fala, d'uma expressão doce e aafavel onde entra por alguma cousa a sua myopia, physionomia colorida por um vago e bom sorriso de quem não pensa um só instante no que é, no que vale, de quem mesmo se surpreende que tenha tantas sympathies anonymas espalhadas por esse mundo de Christos...

— E para mim sempre de grande prazer a

visita d'um escriptor estrangeiro, porque me traz a agradável noçao de que sou lido e amado no seu paiz.

E depois falou-me com verdadeiro entusiasmo de Portugal, cujo movimento litterario seguindo passo a passo a moderna corrente francesa elle conhece bastante. O que o surpreende é como a Hespanha, vizinha de França como a Italia, fica em evolução litteraria atraç de Portugal. E n'este momento veio-lhe nos labios um nome... um nome que elle pronunciou com admiração e com respeito... um nome que me fez corar de prazer e de orgulho — o nome do meu querido amigo Eça de Queiroz. Zola conhece de ha muito uma romancista do *Crime do Padre Amaro*; não ignora a revolução litteraria, a formidável revolução litteraria que elle operou no seu paiz, e posto que a literatura do português lhe seja mais difícil que a do italiano e a do hespanhol, tem comido penetrado no íntimo d'algumas das paginas que o romancista português tem trabalhado com verdadeiro genio, e com todo o escrupulo e todo a sciencia d'um artista moderno.

O nome de Eça de Queiroz apontou o Zola na lista dos seus colaboradores futuros. Por que Zola ambiciona uma collaboração internacional de todos os filhos de Balzac e de Flaubert. Alii vai uma curiosa noticia que os jornaes franceses ignoram, que pagariam hoje por bom dinheiro, e que eu tenho em primeira mão da Zola, para oferecer aos meus leitores:

Zola tentava organizar uma biblioteca internacional, em frances. Deseja reunir em varios volumes todos os romanistas europeus, para os tornar conhecidos de todos os paizes do mundo. Nesta biblioteca entram apenas os naturalistas, como já lhes disse. Em Italia, além d'outros nomes em que me faliou, insistiu especialmente no nome de Capoorna. Em Inglaterra contei com o seu amigo Moor. Ha vários romanistas de immenso talento na Rússia, Um ou dois na Hollanda. Em Hespanha um. Em Portugal conta com Eça de Queiroz. D'esta biblioteca serão todos os romances originais ou traduzir-se-hão apenshus os que já são celebres? E o que faltu resolver,

A nossa conversa girou ainda sobre outros assuntos, interrogando-me com um particular interesse sobre a ILLUSTRAÇÃO, sobre os elementos litterarios e artisticos de que este jornal dispunha, surprehendido com a nossa tiragem e com o intiligente e sympathetic acolhimento do publico português e brasileiro feito a um jornal exclusivamente litterario e artístico. E porfin abordei a questão dos direitos d'autor. Havia lido ha poucos dias uma chronica do meu amigo Gasimiro Dantas, onde este agradável escriptorfullave d'acontecimentos lisboetas, alludindo á carta que Dumas escrevera á sr^a D. Guiomar. Ao que parece em Lisboa nenhum litterato pode hoje receber uma carta amavel d'um escriptor francês, sem correr o risco de seguir para o Limoeiro como qualquer assassino, ou de levar uma sova dos seus collegas, em plena Batata, como o primeiro poltrão. E triste!

Ora Gasimiro Dantas alludia a uma carta d'um outro chronicista, o sr. Barros Lobo, escripta em frances e dirigida por intermédio do Correio da Noite a Dumas filho, apontando entre outros exemplos de respeito pela propriedade litteraria — a traduçao de *Germinal* comprada ao autor por 1.500 francos. O sr. Barros Lobo que traduziu este romance, que deve perfeitamente saber as condições em que o editor o obteve do romanista, andou em erro e em erro grave, que felizmente nemhum jornal frances tratou de desmentir, o que seria para os portugueses d'um imenso ridiculo. A traduçao — sou autorizado a declaral-o em nome do sr. Zola — não foi tal page por 1.500 francos.

Não quero entrar em detalhes mais íntimos para não ferir susceptibilidades de terceiro; nem tão pouco a minha pena se compraz em chamar para si a atenção do público, pela intriga ou pelo escândalo. Prefiro trabalhar modestamente o meu estylo, e adquirir uma sympathia com uma phrase feliz ou com uma ideia, mesmo vulgar, mas bem traduzida — do que fazer rir a galeria com uma garotice de clown. Portanto, ah! vae a histria a traços longos, sem a menor intenção malvoia, apenas com o fim de corrigir um erro que anda correndo mundo.

O sr. Souza Pinto, director da *Illustração universal*, contractou com Zola a tradução do *Bonheur des Dames* pela somma de 500 francos. A tradução fez-se a somma pagou-se. Está liquidado este negocio do editor portuguez. Mais tarde o sr. Souza Pinto, quando o *Gil-Blas* annunciou a publicação do *Germinat*, propôs a Zola a compra da tradução para portuguez — pela somma de 300 francos. Como vêem, a quantia é magra; mas Zola diante d'uma carta em que se lhe fallava das dificuldades do mercado, aceitou o preço oferecido, e mandou o romance ao editor, mesmo antes de estar publicado integralmente no *Gil-Blas*. Quanto ao resto do negocio, é assumpto que só diz respeito ao editor e ao romancista.

Se trato de explicar aos meus leitores estes negocios, não é para intervir nas relações commerciales do sr. Souza Pinto com quem não tenho que ver — mas tão somente para mostrar ao sr. Barros Lobo o quanto é imprudente vir afirmar em publico questões d'esta ordem, mais perigosas ainda quando são escriptas em frances e quando podem ser facilmente documentadas pelo primeiro jornal de Paris. Não são 500 nem 300 francos que alteram o orçamento de Zola. O romancista autorizou a tradução mais por uma questão de sympathia e de delicadeza, do que por interesse. Vir assustar o publico com a somma de 1.500 francos, como quem diz que elle foi pago e largamente pago, é d'uma imprudencia imperdoável — sobretudo quando nada d'isto é exacto!

Era uma hora da tarde quando me despedi do illustre romancista, a quem hoje me liga uma grande sympathia pessoal. À saída, o mandaram sobre a etagère sorriso para mim, como que saudando um futuro amigo da casa. Continuava sentado sobre os calcinheiros, todo orgulhoso dos seus bonitos salotes d'um azul, d'um ouro e d'um purpura, ah! d'um purpura, que mais parecia pintado com a tinta ideal d'um poente de maio.

E, ao ver-me na rua senti-me contente como um rei que um povo incita aclama — achando mais fresco e mais leve o ar que respirava, mais lavado e mais puro o azul da imensa cúpula, mais verdes e mais ornalhados os jardins, o sol mais alegre, notando até que os pardas me saudavam como se reconhecesssem em mim um homem feliz que passava...

E tinham carradas de razão — os diabos das pardas!

MARIANO PINA.

P. S. — Acabo de rever as *provas* d'esta chronica. Na parte em que, alludo ao incidente da tradução do *Germinat*, peço escrupulosamente palavras por palavras — como um boticario em frente da sua balança, tendo na mão o terrível remedio; e que pôde ministrar por um leve descuido a dose que mata em vez da dose que salva. E pergunto a todos que me leem se ha alguma phrase que possa offendêr. Não ha. Pois fiquem certos que vou apontar tonta e tonta valente! Mesmo que não fizesse errata ao erro do sr. Barros Lobo — um chronista agradável e um apreciavel jogador de bilhar, pelo que eu diplomaticamente o estimo — bastava saber-se que eu também tinha recebido carta d'um autor frances... para o morecer! Até aqui havia, nas lettras portuguezas, por cartas recebidas de Paris — dois martyros. Agora ficam havendo tres — a sr. D. Guiomar, o Moura Cabral e eu. — Meu caro Moura, não ha remedio... Eu sei que é triste um tal desfacho, quando se está na flor dos anos, quando o champagne ainda não azeceu uma só noite no estomago, quando se é segundo oficial e as raparigas vas vnum em segredo... Mas que fazer? Atira-te tu ao Tejo, que eu de cá me atiro ao Sena. A sr. D. Guiomar oferecemos o veneno dos Borges. É necessario morrermos em heroes. Por que nós, francamente, nós todos tres estamos cobertos para a vida e para a morte de ridiculo e de ludibrio!

M. P.

O sr. Abel Acacio, o auctor da Lyra insubmissa, acaba de enviar uma longa carta ao nosso director Mariano Pina, em resposta à sua chronica de numero 7 da *Illustração*. Como o proximo numero é inteiramente dedicado ao Salón de Paris, só a poderemos publicar no numero 11 do nosso journal. Que o sr. Abel Acacio nos perdoe a demora involuntaria.

EMILIO ZOLA E A ILLUSTRAÇÃO

O illustre romancista do *Assassin* e do *Germinat* envia a seguinte carta ao nosso director Mariano Pina, appropiado do numero 7 da *ILLUSTRAÇÃO*. Publicamol-a como recordação curiosidade fotografica que os nossos leitores têm de apreciar bastante, e também porque ha n'esta carta palavras que dizem respeito a Lisboa, quando o grande escrito se mostrou sinceramente orgulhoso do sucesso que os seus romances obtiveram na capital portugueza.

Lorris 16 avril 87

Monsieur

Excusez-moi, si j'ai tant tardé à vous répondre. Un petit voyage, beaucoup d'occupations, m'ont pris en retard. Mais je veux que vous sachiez, comme bien j'ai été touché de trouver dans l'Illustration du Portugal ce beau portrait et la très sympathique étude qui l'accompagne. Je sais qu'on veut bien ne pas me pen à Lisbonne, et je suis particulièrement fier de cet hommage qui m'apporte la nouvelle du grand succès de mon dernier roman parmi vous.

Merci encore, et veuillez me croire votre bien dévoué et très reconnaissant.

Emile Zola



PORUGAL. — VISTA DA CIDADE DO PORTO.

AS NOSSAS

GRAVURAS

EM CASA DO ARTISTA

Nosso leitor que nosso querido leitor pode calcular a tortura em que um sujeito às vezes se vê, para escrever o artigo que há de acompanhar uma gravura! Mesmo muitos dos que nos têm há de achar o sistema por vezes ridículo e banal. Mas nem todos pensam do mesmo modo, infelizmente! Ma leitores que seria capaz de tomar um bilhete de ida e volta para nos vir desancar expressamente a Paris, só a tal ou tal gravura faltasse o senso do costume. É um velho uso, um velho hábito entre jornais ilustrados, a que se não foge. E vai lá ir contra os hábitos... Pois não foste! Pergunte ao sujeito que espreita o horizonte por um oculo, porque razão olha pelo caçado com o olho direito fechando o esquerdo, e não olha com o esquerdo fechando antes o direito?... Responderá: «é o hábito!» — se não preferir responder com uma bala sova em quem teve o atrevimento de lhe fazer perguntas tão inconvenientes!

Por tanto mãos à obra... Tenham a bondade de se collocar em frente da gravura, e encadrem bem, como se se tratasse d'uma vista colorida de panorama, de cordel. Vamos, meu senhores, toda atenção é pouca!

— *Em casa do artista* é um quadro... (oh! oh! — murmurões d'direita e d'esquerda)... um quadro devido ao magico e famoso pincel... (abafado a bandulhada!) — murmurões de todos os lados)... pincel de Edelfelt, um artista sueco, e que foi exposto no Salão de Paris, nesse templo augusto da arte, que... (O orador não pôde continuar o seu discurso, tal era a



PARIS PITTORESCO. — No dia do «Vernissage».

chave de batatas que sobre elle caiu.

Mas... blaguez bien le coit, como dizem os franceses — o quadro é uma verdadeira joia; a figura da mulher elegante que percorre com a vista os desenhos e os aquarellos é tratada com franqueza e com um gosto delicado e superior; os menores detalhes d'um ateliér de pintor moderno são traduzidos com imenso espirito; de todo esta obra d'arte se exalha um perfume de talento d'alto que encanta que seduz, e que nos obriga a soltar um «bravo!» bem exponencial e bem entusiastico...»

VISTA DO PORTO

A NOSSA gravura mostra-nos um dos sítios mais formosos da grande cidade comercial, a parte sobre o Douro onde está assente uma das mais arrojadas obras da arte contemporânea, a ponte Maria Pia, hoje celebra em todo a Europa. Esta ponte que faz parte da linha da Companhia real dos Caminhos de ferro do Norte e Leste, foi construída pela casa Eiffel e C° de Paris, depois de um concurso a que se procedeu em 1875. As dificuldades que surgiram de todos os lados eram enormes, mas o talento dos engenheiros tudo venceu, e a ponte foi construída, compreendendo a sua extensão metálica nada menos de 32m873. A ponte compõe-se:

1.º D'um grande arco metálico de 80 metros de corda e de 42m00 de flecha media;

2.º D'um tabuleiro central de 51m88 de comprimento, solidário com o arco;

3.º IVnum taboleiro latente do lado de Lisboa e 16m88 de comprimento;

4.º D'um taboleiro lateral do lado do Porto de 13m90 de comprimento.

Ostrabilhos começados em janer-



PARIS PITTORESCO. — NAS MARGENS DO SENA. — Desenho original de F. Villegas.

rodo 1876 foram concluídos com grande sucesso em 31 de outubro de 1877.

A obra é em si tão arrejada, que ainda há muita gente no Porto que não osso atravessar a ponte em caminho de ferro, descendo em Villa Nova de Gaya e atravessando o Douro num barco para entrar no Porto, e vice-versa.

Effectivamente a impressão que pela primeira vez se sente ao atravessar a ponte *Maria Pia* é verdadeiramente extraordinária. Quando o comboio entra no princípio tabuleiro, e depois num segundo o mísse mortu se vê a semelhante altura, apenas apoiado n'aquele rei d'arana de ferro, longe das duas montanhas, aposse-se d'elle um medo inexplicável, e o sujeitando trata apenas de se agarrar às braçadeiras da pontinha, de fechar os olhos e de se enterrar no seu canto, tremulo e frio. Compreende-se n'aquele instante como a vida é nadn; e como omnis simples acaso nos pode resumir a morte.

Depois, uma segunda e uma terceira travessia limpa-nos de todo o susto, e então só atravessar a ponte sente-se o prazer de assistir ao mais bello espetáculo da natureza.

O Porto, visto d'aquella altura, é uma das mais belas cidades da Europa. A paisagem é soberba, com encantos de vegetação, brutalidades accidentais de terreno e pedras de rio como se não encontra facilmente igual. E quando se olha para baixo, para a grande cidade comercial, industrial e marítima, quando se vê aquella multidão a furnigar de todos os lados, uma ondulação constante de actividade agitando as ruas e os cais — sente-se a mesma impressão de força, de riqueza, de trabalho e de inteligência prática que se recusa ao atravessar a ponte do caminho de ferro que atravessou a grande e gloriosa cidade de Rotterdam.

A Ilustração publicando hoje esta gravura presta um homenagem de respeito à cidade portuguesa que mal seio trabalha.

NO DIA DO « VERNISSAGE »

No anno passado, n'este mesmo dia, apropósito do Vernissage, a Ilustração publicava uma curiosa página do seu colaborador Adrián Marie, onde se via o aspecto d'uma das salas da exposição anual de Bellas-Artes, na véspera de abertura oficial, no dia em que os pintores vem enverzizar os seus quadros. Mas o vernissage deixou de ser um verdadeiro encontro, para se transformar n'uma festa paramente mundana.

Este anno, porém, as coisas mudaram um pouco. A direcção dos artistas resolveram que se não fizessem convites, e que as entradas fossem pagas a dez francos cada. O produto é aplicado para as victimas do Tonkám. Mas nem por isso a festa deixou de ser menos pariente, como nos annos anteriores é d'essas festas que o nosso colaborador Jeanne; recolheu este elegante estudo, a parisiense que vem ao *Salon* de binocular e tiracolo, e que collocada em frente das telas vai passando em revista os grandes talentos e as grandes novidades do anno. O desenho é precioso, e não posso que o recomendar. Diz-sóisso que o assumpto é, e o assumpto — devemô! confessalo — é deveras sympathico.

NAS MARGENS DO SENA.

No tempo estivensígnico, o sol é quente e o céu azul, e as parisienses fazem sair os seus canos e passam as tardes navegando pelas margens floridas do Sena. Ao longe, na linha do horizonte, Paris, o grande, o imenso, o glorioso Paris, onde se destaca o Arco do Triunpho.

Esta deliciosaphantasia assignada por Francisco Villaca é um desenho que faz honra ao artista tão dedicado e tão moderno que nós contamos com orgulho na lista dos nossos colaboradores.

MEZ DE MARIA. — « AS DUAS VÍRGENS »

Feste mez de maio é todo dedicado à Virgem; as igrejas rivalizam em zelo e em gosto para adornar os altares onde se exponem todas as riquezas das sacrifícias perante as riquezas da natureza, tão praguia em flores no mez que estamos atravessando. E sobretudo no fim de maio, tanto em Portugal, como em Espanha, como em França, como em Itália, os países católicos por excellencia, que festeja tonita mais solene. É o triunfo de Maria que se saúda uma ultima vez com alegres canticos nos sanctuários emblemáticos de mil coroas e iluminados por milhares de lumes.

E é n'este momento que nos julgamos apropósito oferecer aos nossos leitores, filhos de dois países onde o catolicismo é ainda tão santamente respeitado — o delicioso quadro das *Duas Virgens* de Marius Michel, a virgem d'hoje, a encantadora filha do escultor sagrado, elegantemente vestida e elegantemente pousada, dando o ultimo toque sobre a religiosa estatua que ha pouco saído das mãos do escultor — estu estatua que d'aqui a pouco vai ser colocado n'um altar entre flores e luzes, e diante da qual se vão prostrar dezenas de peregrinos fieis.

E como se admira n'este artista a delicada e genial parisiense! O quadro foi imponentemente apreciado quando exposto no *Salon de Paris*, porque o autor pôde reunir n'uma só tela um resumo mundano e um assumpto religioso; e o assumpto tratou-o tão primorosamente e tão honestamente, que ninguém tem motivo nem para sorrir da Virgem de hontom, nem para sorvir da Virgem de hoje!

A VOLTA DO BAILE

O olhar do marido não é como o olhar pálido e enigmático da sphinge, que nada diz, que nada revela, que nada explica. Aquello negro olhar, triste e melancólico, que se fixa em nós para nos contar mudamente a historia da risca que acaba de enegrecer o seu coração; aquello olhar cheio de dúvida e de sofrimento que nos pergunta: « será traidor? » — aquello olhar encerra todo um drama conjugal.

Depois, não ha razão para duvidar do que separasse. Ela bem sabe que está cúmplice, e aquele abandono do corpo, aquella lagrima, aquelle rosto que procura esconder-se e evitar a sua vergonha, tudo deixa adivinhar que o marido a suspehou quanto na febre e no delírio d'uma vilaia ella aceitou com prazer a declaração d'amor do cossado D. Juan, o beijo dado furtivamente n'um recanto da serre por detrás d'um cacto real...

E o que se vai seguir?... Ela certamente que se não irá deitar. Sentado à banca do seu gabinete de trabalho vai escrever duas cartas a dois amigos, e amanhã ou depois, n'uma floresta, em frente d'aquele que lhe roubou a felicidade conjugal, irá trocar duas balas. E depois? depois?... Talvez o divocio, talvez o convento, talvez o suicílio...

Aqui o quadro, o soberbo quadro de Gervex, um dos pintores modernos mais célebres e mais aplaudidos, restou o seu aspecto de misteriosa sphinge e o observador fica perplexo, indeciso, som suber qual seja o terrível desfecho. O drama a que assiste? E depois? quem sabe? Talvez que nem o desfecho seja terrível, porque ha lagrimas que tudo lavam e beijos que fazem esquecer todas as ofensas, que renegam todas as levianidades, e que são a afirmação febril e sincera d'uma futura dedicação e d'um futuro amor — bem inabutável d'esta vez.

AS ULTIMAS MODAS DE PARIS.

A novidade que preparamos para este numero, encontram-na as nossas leitoras a páginas 140 da Ilustração. Dissemos que nenhum jornal ilustrado em português, do gênero do nosso, oferecia semelhante secção de suas leitoras, e parece-nos que nos não enganámos, nem podemos ser desmentidos. A nossa secção das ultimas modas de Paris constitui portanto uma novidade no seu gênero, e não só pela sua execução artística, mas também pela escolha do assumpto,

não queremos com as nossas palavras de modo algum reconhecer inferioridade a um magnifico jornal de modas que se publica em língua portuguesa — *A Moda Ilustrada* — de que é proprietário o nosso estimável correspondente em Lisboa sr. David Corazzi, jornal destinado a todos os ateliéres de costura, e que é precioso em detalhes. O que desejamos fazer notar ás nossas leitoras é que as gravuras dos jornais mostram apenas as *novidades* dos grandes armazéns parisienses como Louvre, Bon Marché e Printemps, quasi sempre *novidades para exportação*; em quanto que as nossas gravuras são todas de actualidade mundana, exclusivamente parisiense, ocupando-se apenas das *toilettes particulares* que obtiverem sucesso ou na vitrine d'uma grande modista, ou n'um baile particular de aristocratas ou de artistas, ou sobre o palco d'um theatro. D'uma *toilette* requissima que uma princesa encontra-se a uma modista celebre de Paris, daramos logo um desenho; d'uma *toilette* que mais brilhou n'um baile que os jornais apregoam, também daremos o desenho; não escapando á atenção dos nossos colaboradores especiais nem as mais formosas *toilettes* de actriças celebres, feitas para peças que obtenham sucesso, nem o desenho tipo de *toilette* da estação parisiense.

E a moda artística, a moda elegante por excellencia, o que a Ilustração vai oferecer regularmente ás suas leitoras. Nos números seguintes compreenderão mais largamente toda a originalidade dos desenhos que hoje inauguramos, e que lhes oferecemos com verdadeiro prazer.

A PEDRA DO MARISCO

A pedra do marisco é um dos aços mais curiosos e mais pitorescos do Rio de Janeiro, sítio também conhecido pelo nome de Restinga da Tijuca, e se não é extremamente frequentado pelo público fluminense, é comodo um lugar muito apreciado e visitado por estrangeiros e especialmente por artistas. Também é um lugar predilecto de pescadores, porque n'aquela aguia o peixe abunda em prodigiosa quantidade — posto que às vezes a navegação seja perigosa pela imprevisivel visita d'alguns jacares, que são aías pequenos, mas abundantes.

A pedra do Marisco n'ela ligada uma curiosa história. Foi por ali abandonado, segundo se diz, uma peça antiga de bronze com as armas de Portugal, abandonada talvez nos tempos da guerra com os tamoios. A peça por ali esteve bastante tempo, até ao momento que do solo começaram a romper vários cipós e a envolver-s-a. Com o correr dos annos os cipós foram crescendo sempre e sempre, erguendo a peça, — ate que um bello dia os frequentadores da Pedra do Marisco vieram a grande altura a peça ou-trora deixada sobre o terreno.

O desenho que a nossa gravura reproduz é do nosso assíduo colaborador Francisco Villaca. É o bastante para que os nossos leitores o recebam com prazer.

A ILLUSTRAÇÃO E O FIGARO

Para que os nossos leitores avaliem do quanto o nosso jornal é apreciado pela imprensa parisiense, bastará dizer-lhes que o Figaro, o journal mais célere da Europa, tem por varias vezes exposto na sua Sala de despachos algumas das gravuras que a Ilustração tem publicado. Actualmente os frequentadores da Sala dos despachos tem podido apreciar o desenho do nosso colaborador Francisco Villaca, representando a Bahia de Botafogo e o desenho de Ramalho sobre a Carnaval dos jornalistas de Lisboa, ambos publicados no n.º 7 do 2.º anno. A Ilustração agradece reconhecidamente ao Figaro a grande honra que lhe faz distinguindo-o entre os principais jornais ilustrados da Europa, e expondo nas suas salas os desenhos das nossas estimáveis colaboradoras.

A REDAÇÃO.



SYLLA

(Frágil coto da História da república romana, vol. xv e xvi.
da Biblioteca das ciências sociais, no prelo.)

SYLLA fôrça em rapaz um fidalgo devasso e arraçado, filho-familia perdido como Roma principiava a produzir e cada dia produzir mais; como eram os nossos filhos-segundo no século XVII, roteiros, espadachins, rufões que às vezes descabiam em handados. As aristocracias produziram esses frutos quando se transformaram, abertas pelas burguesias capitalistas; os antigos instintos da nobreza perversamente. O marquês de Pombal, antes do seu governo a tornar celebre, já dava que fallar em Lisboa pela sua vida desregrada... Sylla era neto de Pílio Cornelio Rufo que fôrça consul em 464 e em 77 na guerra de Pyrrho. A família não fôrça posteriormente mais homens públicos.

Era um rapaz loiro, com a pele singularmente branca e uns olhos azuis vivissimos. Havia o quer que fosse repelente nessa face deslavada que traduzia todos os sentimentos, corando com facilidade, injetando-se de sangue, malhada de nodos de pano ou melancolie. Passara a mocidade pelas tabernas, teatros e prostibulos de Roma; os bufões, os mimicos e os actores eram a sua sociedade favorita; e já em moço mostrava na libertinagem uma tendência dura. Sem ser urrachado, era friamente cruel. Homem-do-mundo, frequentava os salões elegantes, vestia-se bem, fulava a primor o grego, tinha uma cultura perfeita e era requintado nas maneiras. As mulheres encantavam-se com a sua fuma de devasso; os rapazes da moda tinham-no todos por amigo: sabia bober, sabia fuzer ditos. Sem ser propriamente um bravo, não era todavia cobarde. Riu de tudo, a até de rezas de si próprio. Fulava com facilidade e alegrava a conversa com pilherias e anedotas. Compunha farças - comedias para os teatrinhos particulares dos salões elegantes onde a moda literata, a imitação grego, reinava tanto como entre nós a francesa. Parece que cantava rascavalemente. Quinto Roscio, o Talma d'esse tempo, era o seu melhor, o seu mais íntimo amigo. Nada tinha do carácter romano, severo e serio; o do temperamento latino apenas lhe restava a inclinação para os prazeres grosseiros da rua, de noite, nas orgias pelos teatros, pelas tabernas e prostibulos. Nas salas era um grego.

Indolente e epicurista no sentido vulgar da palavra, não sentia ambições, nem ilusões: deixava correr os annos divirtindo-se. O mundo afigurava-se-lhe uma farça de que nem sequer incomodava em rir, porque entrava de botas vontade n'ella como ator. Religião não tinha; mas como fosse de mau gosto ser-se ateu, afectava um respeito aristocrático pelos cultos, cumprindo ironicamente todas as regras. No fundo, porém era superacriticoso, como todo o homem que, sem profundizar os problemas da existência, a considera um jogo de azar; supersticioso porém de um modo íntimo, quasi-inconsciente e como que envergonhado, sem aquella fé rude e popular que Mario por exemplo punha nos vaticínios da prophetisa Syria, ou nos augúrios do estrusco. Essas crenças eram boas para o povo. Mas, ao achar-se envolvido nas guerras e batalhas da segunda metade da sua vida, trazia sempre ao pescoco uma estatueta de ouro de Apollo, fetiche tomado no tesouro de Delphos, e botava o então fervorosamente com uma quasi-fé instintiva. Quando na Grecia mandou saquear, porém, os templos sagrados, dizia a rir que não tinha medo porque os deu-

ses não deixariam de proteger quem trabalhava com o dinheiro d'elles. Com isto imaginava-se vagamente protegido por Aphrodite. O seu pensamento era obscuro, embora fosse culto e surpreendente; e por isso, apesar da sua grande capacidade, não tinha genio.

Não o tinha também porque u vontade, obediendo pelo scepticismo, não o impelia. Julgava-se uns sor levado à tua pelo acaso: acreditava-se irresponsável. Era um enfusado (blase). Nada ambicionava. O consulado não possuía encantos para elle, como para os seus colegas aristocratas: se não tinha idéas, ambições, nem plenos de reformar o mundo! Succedia também não ser rico, e a relativa pobreza ajudava a sua indolência. Um dia porém a cortezia Nicopólis deixou-o herdeiro dos seus bens e isto, com a fortuna da sogra, enriqueceu-o. Por desfases pela rotina que inviabilmente alumava as noites aos cargos publicos mais tarde ou mais cedo, viu-se eleito (em 647) questor para o exercito que Mario comandava em África contra Jugurtha. Tinha então trinta e um annos, pois nasceu em 66,

Mario, o plebeu, que tomava as coisas a sério, recebeu mal o homem-do-mundo sceptico e amaneirado. Tratava com desdém esse rapaz que, sem o ofender - pois o general só tinha em conta a bravura rude - lhe parecia desprezível por ser futil. Via-o um romano de lei em frente de um gréculo, e, guardados as proporções, presenciaava outra vez a rivalidade antiga de Catão e Scipião. Catão feito Mario, Scipião feito Sylla, mostraram bem o abatimento constitucional da república encarnada agora em dois soldados.

Porque Sylla, picado na sua vaidade de homem, propôz-se a ser também general! Exercitava-se nas armas, egoava a sua inteligência perspicaz, ganhando rapidamente aquelles dotes de rapaz e fôdo de que o consul Carbo fôlava. A astúcia, o cálculo, a frézia para preparar a ação, depois o denodo e a bravura para a empenhar, deram logo em África, especialmente no episódio da captura de Jugurtha que o pôr em evidência, a medida da capacidade do novíssimo cabo de guerra. Mario não desrespejava já o júnior hellenizado - o francineiro, dizia-se entre nós no século XVII - e odiava-o agora por inveja, vendo-robar-lhe a melhor mista da gloria da campanha jugurthina. A guerra dos cimbros acrescentou-lhe a fama; todavia os salões, as mulheres, os teatros do capitólio tinham para elle mais atrativos do que as guerras e acampamentos.

Em 66 foi eleito pretor e espatiou Roma com festas que deu; sobretudo a caçada de cem leões que lhe mandara o rei da Mauretanía, foi celebrada como um chão novo na roda elegante, e aclamada entusiasticamente pela multidão ignara. Favoreceu-o a sorte dando-lhe n'esse anno a complicação da Cappadocia invadida por Mithridates. Enviado à Ásia sem grande trabalho voltou corado de louros. Era já um homem importante, e, como pertencia à aristocracia, os oligarcas contavam-no como seu, para o opporem a Mario, o ídolo dos democristas.

Em 65 veio a guerra morsia começar a segunda metade da sua vida. A força das coisas tinha-o arrastado, e a sua indolência natural e aristocrática viu-se forçada a ceder. Sem se preocupar com o odio quasi grotesco de Mario, à frente do seu exercito ia pouco a pouco diminuindo a sua posição. O mundo elegante d'onde saia pedia-lhe que a remisse da tyrannia dos demagogos; a sua vaidade pessoal era excitada por mil agulhas; a crise romana reclamava um salvador. Que faria elle, homem sceptico e sem escrupulos, lucido mas sem genio: que podia fazer senão lançar-se no caminho preparado por Mario quando dera um carácter novo às instituições militares? Passou a fazer a corte ao soldado com a mesma arte de que usava com as mulheres, e conquistou as tropas como conquistaria os salões. Do leão nasceu um condottiere, que veio sobre Roma, tomou (66) e conquistou o consulado com a mesma espada com que exterminava os democratas. A maneira que a edade crescia (tinha então 50 annos), a medida que se achava empunhado em lutas mais graves, sem perder a ironia nem o sangue-frio, ga-

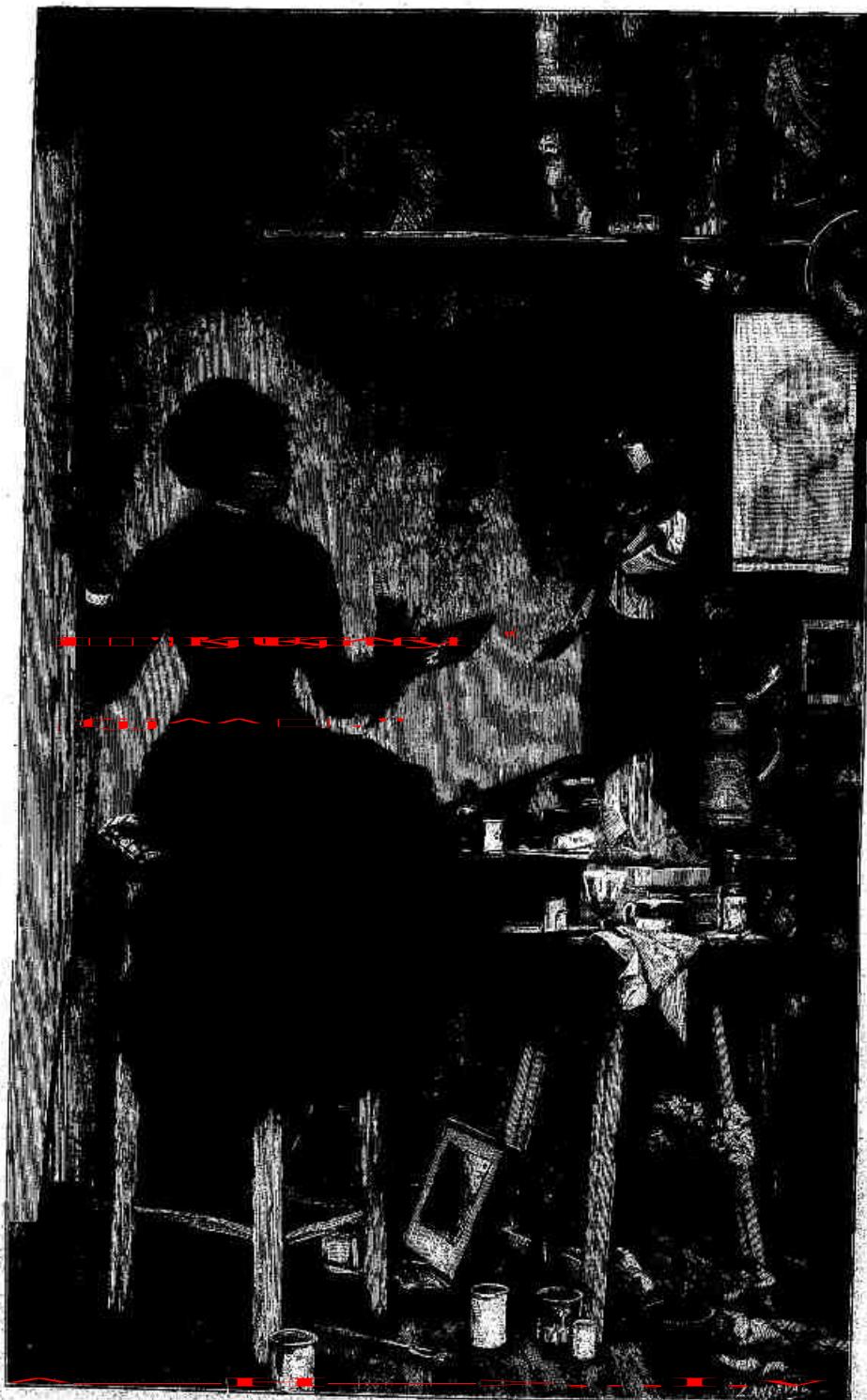
nava uma cinhada aceba que viria de vez desprudelava ali alheia, da sua faixa absoluta de transcendência e de humildade. Vira-se assim foi relativamente moderado no ser príncipe general, quissimo mestre se queria a intimação que, segundo ter ganho n'elle um instrumento, virá levitando um cardadego tyranus. O mundo ergueu-lhe considerações.

Talvez também isto concorresse para o decidir a parte para a Asia contra Mithridates em 65. Narramos os episódios d'essa guerra e sabemos que revoluções se deram em Roma durante ella. Imediatamente compriu para acentuar o tipo primitivo, despidido e satânico, do general nas suas últimas temporas. Fiziam-no leonino, tinham-lhe confundido os bons: sua malícia, seus filhos, eram breves alegrias para a Grecia aculher-se debaixo da sua proteção. Deixava-no primeiro sem amigos, depois montava-lhe um substituto com um aspecto para o combater e o perder. Assustou-o uma curta mão grande como a de Mario quando se vinha-lhe em cima, mas como era frio, bem-educado e despidido d'illústres não mostrava cólera - dissimulou, fez-se impotente, ate no momento de pôr-lhe fogo ao salto como um tigre. As malhas da sua face pareciam agora como as em pelli d'esse animal. Chamava-se a si proprio *leão*, abertundo - ou o tigre, felino. Todo quanto fazia era desejado no km terrível da sua vingança. Nos batalhões das batalhas encontrava os mortos que perdia, para ajudar a formação de lenda. Mandava dente de si uma nuvem de terror. E comprava, seduzia o soldado por todas as formas, porque essa era a única da sua vitória final sobre Roma.

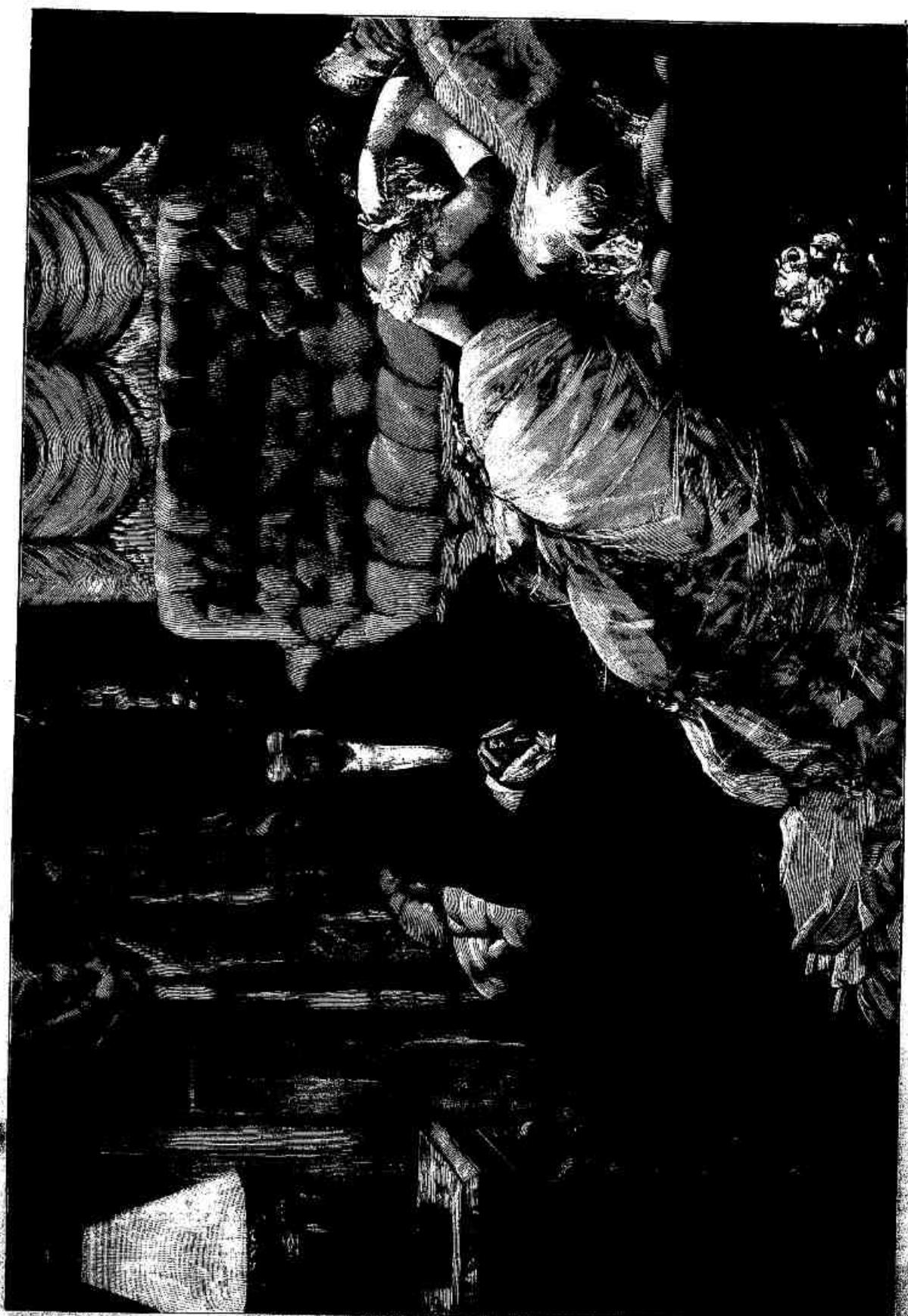
Quando chegou, venceu, usando as manhas da raposa e a força leonina; mas a primeira noite que passou de novo em Roma não pode dormir - e com motivo. Nessa noite via-se tal, elle que não tinha ambições: via sobre os homens o peso do governo, elle que, enfusado sempre, não queria subir da arte de reger os homens, nem tinha inclinação nem genio para isso. Via porém o campo aberto a sua vingança e esgotava os ditos, as bonias e as crueldades ferinas de que ia servir-se contra os inimigos. Das cogitações d'essa noite nasceu a chacina dos sacerdotes no circo Flamínio e a ditos atraç no Sennado no templo de Bellona. Não se esqueceria porém de trazer de Athenas devastada as obras de Aristóteles, como presente a Roma já incapaz de as entender. E um dia que um poeta lhe apresentou um panegírico sordido e baixamente adulador, mandou-lhe dar uma gratificação do espólio dos vencidos, só clausula, disse rindo, de não reincidir.

Sôberano senhor da república, pôde afirmar-se que do odio antigo lhe ficava só a ferrea; vingava-se por se viagar, por distração, por desenfado, sem furia similar à de Mario, com um cynismo franco, deliciando-se em ofender os ingenuos que instantaneamente supportam todas as coisas enquanto lhes não dizem pelos seus nomes. A crise romana fizera desbrochar-lhe o temperamento, amadurecendo tendências de que tinha a sombra mas que não chegariam a germinar se tivessem sido outros os acasos da sua vida. Assim, tornou-se a imagem do supremo desdém presidiendo à orgia romana como um Satan: desden da honra e da virtude, desden da gloria e do poder, desden da vida-alheia! Taes são os últimos homens, synthetics, que as aristocracias requintadas produzem. Salva a diferença dos tempos e o seu numero de peias que a educação moderna põe à expansão da vontade, Sylla parece um Moro. Mario é a loucura taurina em que a brutalidade democrática vem a dar também nas horas da crise desenfada. Qual dos dois valerá mais?

Quando Sylla tomou Roma, o Capitólio ardeu — ardiam de facto as instituições republicanas! A posição do general em Roma era a de um procópio n'uma cidade provincial vencida. Escreveu ao Senado, por um requerimento d'ironia, observando-lhe a necessidade de concentrar o governo nas mãos de um só homem — uma monarquia; e Lucio Valerio Flaco, presidente da assemblea, indigitou-o a ele, remetendo-a convide. Eis ali a vitória que a oligarquia alcançava — morrer! Ajudara a fazer o homem que a havia de apunhalar.



O MEZ DE MARIA, — DUAS VIRGENS. — Quadro de Marius Michel.



A VOLTA DO BAILE. — Quadro de Henry Gervex.

Sylla foi investido nos poderes mais terríveis: julgava sem apelio das bens e da vida dos cidadãos; dispunha absolutamente dos recursos do tesouro e dos bens do Estado, podia fundar e dissolver cidades, cabia-lhe governar as províncias e os povos avassalados, cumprilhe finalmente conferir o supremo imperio indicando os proconsules e propretors, e promulgar as leis que julgasse utiles. Era tudo, Senado e povo, juiz e legislador. A república temeu-se uma causa propriação sua, e o absolu-tismo na sua purga estava realizado. É verdade que tudo isto era temporário, mas, como só a Sylla compôs fixar a duração da sua magistratura excepcional, podia tornar-se indefinido.

Sancionado assim por uma espécie de legalidade o poder que conquistara pelas armas, dali largos à sua vingança que ao mesmo tempo formava o seu plano de governo. O Terror sistematico e frio parecia-lhe melhor meio de extinguir da terra as raizes democraticas, matando e arruinando todos os inimigos. No espírito dos homens amigos não dominavam os sentimentos curiosos e humanitários; amor, direito, o civismo, todo o corpo dos sentimentos a que á falta de outro nome chamámos stoicos, ocupavam o lugar onde os moderados introduziram também a piedade. Por isso, quando batia aquella hora de crise em que em todas as sociedades saídas dos seus eixos nascia o império da lei e reino a razão-d'Estado, na Antiguidade reinava em nome d'ela a Vingança. Alguma causa similarmente se viu na revolução francesa do fim do século passado — esse período em que uma geração inteira viveu da imitação dos homens antigos. ■■■

Sylla vingou-se. Baniu como inimigos da república todos os democratas, e quem quer que matasse um banido recebia o prémio de doze mil dinheiros (1.080.000 re), e quem quer que o socorresse toravia-se reu de pena de morte. As propriedades dos banidos foram confiscadas para o Erário; a descendência até á segunda geração excluída dos cargos públicos. Os bens dos que tinham morrido na guerra foram confiscados também. Metade dos cidadãos estava autorizada a exterminar a outra metade. Mas como n'este ordem de coisas não ha meio de inventar legalidade, o terror era tanto, a matança tão grande e tão indistinta, que elle próprio, Sylla, reagiu instituindo as listas de condenação affixadas todos os dias no Fórum. Os sacerdotes iam áhi vér quem tinha de matar; os denunciantes iam a toda a hora indicar ao tyranno quem elle havia de condenar. A casa de Sylla era um verdadeiro inferno; traziam-lhe sem numero de presos que sofriam a tortura em sua presença; traziam-lhe as cabeças dos assassinados e o dictador, impassível, com um sorriso sarcástico, cumprimentava os alzões, Catão-o-novo, e néo-Catão, criatura ainda e destinato a largos futuros, frequentava a casa de Sylla, via e ouvia as atrocidades, e, saíndo, espartava-se já do como não houvesse ninguém com força para matar o tyranno... Bebera com o leite os instintos tradicionais de justiça e direito, de liberdade e ordem republicana, tradições antigas e obliteradas.

O senadores, assombrados, ouçaram perguntar a Sylla quando acabariam as matanças: elle respondia-lhes indiferente que ainda não sabia, que la condenando a maioria que lhe lembrava... Veríamos, veríamos... E, dando costas, parava, tornava com desdém: Ainda faltam bastantes; ha por ahi gente esquecida... Iracundamente e maneira que me lembrava... O Senado, o povo, tremiam deante d'essa imagem do Destino cruel e vingador, por cuja ordem o túmulo de Mario foi despedaçado e as suas cinzas lançadas no Anfiteatro, os trofeus das suas grandes vitórias abatidos. A filha do herói e de seu filho, ambos mortos, matou o sobrinho, Marco Graciano, com torturas horríveis, arrancando-lhe os olhos, parando-lhe os ossos sobre o túmulo de Catão que morreu victimo de Mario. No ponto para aí Jugurtha desabrochava no Fórum haria umas fontes com seu sangue, a fonte Savilia: era ali que se levava para o povo as vidas das cabeças dos sedadores e homens eminentes assassinados. As listas diariamente affixadas no Fórum constumavam multas vinganças e remam muitos crimes: correu que Ca-

tilian, o futuro conspirador já celebré pela sua vida tirada, tendo antes assassinado o seu irmão, conseguira que elle fosse inscrito no rol funebre. O mesmo se dizia de muitos outros.

A sombra do terror enciumava os partidários do dictador: a matança, que era um costume, era um banquete. Quem ambicionava uma propriedade, matava-lhe o dono. Um dia agoniando que o seu palácio d'Alba o condenava; outro umas thermas, este um jardim, aquelle uma certa grange ou uma casa de campo á beira-mar. Os familiares, os escravos, os libertos, os clientes do dictador, um Vettio Picento e um Chrysogono, celebrado por Ciceron, estavam todos riquíssimos: vendia-se a quem queria a inscrição de algum nome nas listas fatas, vendia-se por muito maior preço a vida de algum que conseguia ser riscado. Sylla tolerava tudo, dizendo como entre nós se dizia: Deixe desabafar o povo!

Os militares pagavam as dívidas matando os credores; e eram apontados a dedo, condenados sem remissão, aquelles capitalistas que tinham especulado com os confusos e morticínios de Mario em 667. Os soldados serviam de escravos e havia algures voluntários: o ofício de matar rendia immenso. A arremessação dos bens confiscados era a origem de muitas fortunas — clemente do partido novo. Crasso, chefe das arremessantes, tornou-se então o rico por excellencia. Comprovava-se por dois mil e que valia normalmente seis milhares de sestercios. Alguns perguntam se o fim da guerra civil não teria sido unicamente enriquecer os clientes, os libertos e os escravos de Sylla. Apesar da depreciação, o produto da venda dos bens subiu a trezentos e cincuenta milhares de sestercios (16.187 contos); com ou duzenas vezes essa somme, eis a quanto subiu talvez o valor das expropriações.

Esta orgia durou seis meses: a de Mario em 667 durou seis dias. Desde dezembro de 672 até junho de 673 matou-se e confiscou-se de um modo regular, frio, methodico. Mario fôr um delírio de loucura encenado; Sylla em um propósito de calculo sanguinário. As suas listas fatas attingiram 4170 nomes, dos quais umas dezenas eram senadores e mais de um milhar cavaleiros. Mais além das listas houve as matanças militares; depois destas e antes da organização do Terror, os assassinatos em massa; finalmente, ao lado das condenações, as vinganças particulares sem conta por todo a Itália.

Reação não houve, porque o Terror com que Sylla sancionou o seu governo extinguira todo a força capaz de insurgir-se. Com a constituição democrática saiu da dictadura de Gaius Gracchus, o governo do Senado era impossível! Sylla destruiu a democracia, imaginando voltar a assentir no Senado a estabilidade de poder; mas os tempos eram outros e evidentemente absurdas a ideia de sustentar um governo aristocrático com a força militar. Atrás do Senado, estava elle — o príncipe, o general, o monarca — e por isso a máquina se mantinha de pé ainda, mas caía logo que passasse a geração dos seus soldados e o terror que o seu nome infundia.

Nisto o dictador mostrava a falta de génio político. Na sua indiferença indolente e cynica mostrava a falta de nervo, a ausência de vontade, que o tornava incapaz de construir o que fosse duradouro. Edificada a máquina, fez-se eleger cônsul em 674, para afilar, retirando-se enfastiado, em 675. Elle que chamava grande a Pompeu, ainda um creançola, para cortar uma situação perigosa; elle que deixa a Mursia um triunfo; elle que com a mesma indiferença cynica punia inocentes e perdoava á malvados, sentia o poder pesar-lhes como um faró. Especial de Don Juan de politica, deixou-se de tudo e foliou para Cumas gozar os ocios doídos de uma velhice podre. Tinha então cinquenta e nove annos. Gávava, pescava, escrevia as suas Memorias com a pena sarcástica de um falleyrand.

Levou para Cumas a sua corte de amantes, actores, Buffões, daméronas. Passava os dias bebendo, banqueteando-se, em orgias que o distraiam — felix,

dito sempre, como quem nadia respeito no mundo, nem couso algum temor para além do costume. Lembrava-se das façanhas e partidas que fizera a toda a gente: quantas mulheres tirou aos maridos, como dera á este a casa de um outro, como forçara Pompeu, o grande — e ria ás gargalhadas! — a divorciar-se da mulher, obrigando-a a casar com a sua enteada, esposa de Manlio Cláudio que estava prenha e morria de parto. Os amigos mais íntimos, as crudelidades mais peridas, as vilezas mais cynicas, sahiam-lhe da boca n'um tom arredado e indiferente quanto no meio das dançarinas suas, bebendo, conversava ao som da lyra com o actor Roscio, com o archimônaco Sorix, com o hispano Metrebio seu amante, reclamando no seu divan.

Começava a soffrir o resultado das orgias em que levava toda a vida. Formara-se-lhe no ventre um abscesso, que principiando por lhe dar más digestões acabou por condemná-lo a sofrimentos horríveis. Deitava de si um cheiro nauseabundo que o aborrecia, pois sempre fora cuidadoso e apurado consigo. Eram inúteis as lavagens e perfumes. Metia asco. Principiava e não poder dormir a sua irritação permanente. Do retiro de Cumas tinha sempre um pé em Roma, e, ainda ausente e desidio do poder, governava o Estado como Carlos V em S. Justo. Num dia de mau humor, em que as dores apertavam mais, trouxeram-lhe um certo Graciano, magistrado de uma villa proxima, acusado por ladrão. Condenou-o, mas enquanto presidia ao estrangulamento do reu, deitou um delírio, tombou para o lado e expirou vomitando sangue. Tinha sessenta annos. Em Roma fizeram-lhe exequias magnificas: todos os veteranos da guerra de Ásia vieram ao funeral, mas já nesse próprio dia se mormorava...

O exemplo da sorte extraordinaria desse janota dos salões romanos, as lições de cynismo que propagava, os seus ditos, a sua vida, enchião muitas caboyas; e a idéa de subir pela desfaçatez, de governar pelo terror, de ser grande pelo cynismo, desvairava a mocidade aristocrática de Roma, gente perdida de dívidas, sequiosa de orgias, corrompida por uma devassidão mais ou menos elegante.

Mauricio Martínez

NOTA DA REDAÇÃO

Tendo nós recibido ultimamente vários artigos anonymos para serem publicados nas páginas do nosso jornal, declararamos ás pessoas que os enviaram que a Ilustração não publica, d'hoje em diante, artigos que não tragam a assignatura dos seus autores.

Se estes, porém, não querem tomar dante do público a responsabilidade do que escreveram, escusado é enviarem-nos as suas produções, porque não serão publicadas e, segundo o uso, lhes não serão restituídas.

SEDET SOLA

Sob os balcões em flor de Cordoue e Granada,
Nas mirantes senão de Maragogi e Serafita,
Estimoroceta, fa pôr o sol da serenata,
E o estuário dorme... componha a tua brilhante.

Pelo tranquillo apôl da noite soezgada,
Imbebendo o poço da eterno maravilhoso...
N'ela, a terra tremer, dir-se-ão que abraçada
Sar eléctrica explêzio de alguma enorme piffia.

A morte, a morte, fizeram os rios e as montanhas
Rangeram-se mutuamente os seios e as entranhas,
No deserto fôrtil das grandes cravadas.

A dante o monstro cruel que, em impetos, devora
As filhas do Aeníl, e Andaluzia chora;
O pavor do Universo, abrindo os corações.

Rio de Janeiro, — 1883.

Silva Ramos.



EXPOSIÇÃO das invenções na South Kensington. — **ONDE FOGO E A iluminação Eléctrica.** — Era no dia 1º de maio, dia próximo do meio do mês que devia ter lugar a abertura d'esta exposição que fará parte da serie das exposições especiais inauguradas ha dois annos pela das pescarias, e continuando o anno passado pela exposição higiênica cujo éxito excedeceu ainda o da que a precedeu.

A exposição das invenções comprehende as invenções novas a partir de 1862, época em que teve logo a última grande exposição internacional de Londres. Apesar de algumas objecções feitas no princípio por um certo numero de manufactureres que receavam descobrir os seus segredos a concorrentes estrangeiros e indígenas, é certo que as galeries do South Kensington apresentaram um conjunto de mais alto interesse, não menos devido do ponto de vista científico da que deixaram de ponto de vista industrial.

A iluminação eléctrica que o anno passado já tinha sido grandiosamente instalhada no edifício da exposição, ocuparia este anno não menor lugar. Pelo contrário, todas as combinações serão representadas, e os jardins mesmo vestirão a pequena lâmpada incandescente substituir em numero igual, mas com um resultado muito superior as pequenas lampião de cores de que se fizeram uso precedentemente. Se a luz eléctrica produziam pelos grandes focos de arco voltaico ainda não conseguiram estabelecer-se aqui a não ser nas estações de caminho de ferro, é certo entretanto que o uso da pequena lâmpada incandescente se espalha cada vez mais. A ausência de calor, o brilho unido à suavidade da luz, a regularidade sem vibração nem estremecimento do raio luminoso, a limpeza perfeita, a simplicidade e completa segurança do manuseio, são qualidades que tornam este modo de iluminação cada vez mais procurado pelos ricos particulares, directores de teatro, armazéns das grandes linhas de vapores para serviço de passageiros, etc., etc.

Outra outra vantagem é que as alterações, as negligências de um casal, de um fio, ou de um parafuso de navio, conservam pelo seu emprego um grau de frescura impossível com o sistema da iluminação a gás, dupla vantagem que compensa em grande parte o custo normal, por ora bastante elevado, da iluminação com lampiões de incandescência, iluminando as despesas de conservação da mobília,

Nova invención no navio de circuba. — Acaba de inventar-se o que é um navio subtil dos estaleiros marítimos de Clatam, destinado a realizar, quando completado, mais um progresso na arte da navegação.

Este navio tem dois cascos perfeitamente distintos. Um, exterior, com a forma ordinária; o outro interior, de comprimento proximamente igual, mas de secção hexagonal; não um hexágono regular ou absolutamente regular, mas um pouco achatum com uma das faces paralela ao coberto do navio e outra ao porão. Os vértices dos angulos formados por cada duas das outras quatro faces dirigem-se para os flancos do navio. N'este caso interno é que devem ser instalhadas todas as partes vitais da nave; machiminas, caldeiras, aparelho do governo, paixões de polvora.

Em torno das faces internas exteriores do hexágono dispõe-se-lhe os paizes do carvão. Pretende-se que este navio assim preparado poderá sustentar-se no mar, mesmo quando o casco exterior seja criado de obuses, furado e quasi inteiramente destruído pelo projéctil. E talvez deusas, e convém esperar que elle passe pelo fogo do inimigo para ficarmos bem certos; em todo o caso a tentativa é interessante.

Emprego dos aerostatos no Sudão. — Ha muitos annos já o estado-munim inglês progravia no estudo da utilisação dos aerostatos em campanha, não só com o intuito de facilitar os reconhecimentos preliminares e a observação dos pontos estratégicos a ocupar, mas também para suprir as insuficiencias dos exploradores em países barbares pouco conhecidos e mal provisões de estradas. Apezar de se ter inspirado nos estudos analogos feitos em França e em outras partes, o exercito inglese nem por isso tinha feito applicações práticas até agora.

Não é pois sem algum interesse que foram recebidos certos detalhes sobre o emprego do balão captivo pelo exercito expedicionário de Soudán. O aerostato empregado tinha uma capacidade de 7,000 pés cúbicos (metro cúbico) tem approximadamente 35 i/3 pés cúbicos ingleses); era feito de caoutchuc.

Foi cheio com gas comprimido importado de Inglaterra para este fim especial. Este sistema parece ter dado bom resultado e será de certo adoptado de um modo definitivo em caso semelhante. Sem se adstrinjam a elas, tinhão entretanto julgado dever tentar a experiência de preferencia a contar com gaz hidrogeno fabricado no Soudán mesmo pelas preparamadas militares da expedição. Em um dos reconhecimentos tinham levado a carga necessaria para encher o balão com sete tubos *ad hoc*, evitando assim todo a dificuldade de transporte. Para a ascensão contentavam-se em atar a um passado wagon militar o cinto que assegurava a captividade do balão; tornava-se possível assim deslocar-se segundo as necessidades do deslocamento que acompanhava o aerostato. O oficial a quem tinham sido confidadas as observações declarou que o paiz visto do balão mudava completamente de aspecto. Os

mato e as flores que outrora vistam em hojas, desfaziam em grutas isoladas.

Era facil seguir os movimentos dos Araus, que não estavam nascendo, pelos accidentes do terreno.

Parcej pois mundo provável que o gas comprimido fará parte de aqui em diante do material de guerra das expedições humanas. O gas de iluminação de boa qualidade parece que deve responderá satisfeientemente as necessidades dos serviços militares. M. Cornwell, o director dos serventias inglesas, em experiência que Monal é seu rival por assim dizer, fixa em 4 libras a libra inglesa e de 1/3 gramas, aproximadamente o peso que se tem de elevar cada pés cúbicos de gas preparado com carvão, hem seco, e particular cuidadosamente. Um igual volume de hidrogeno eleva 6 libras pouco mais ou menos e o custo de produção é muito maior.

O navio camuflado. — A constante ação naval do papel é tal que a matéria prima que, nestes ultimos tempos, serviu para fabricá-la, tornou-se absolutamente insuficiente; cartão, tela, fibra, linhosas, madeira, etc. não chega para fazer face à fabricação.

O Cosmos anuncia que se trou actualmente de utilizar para este fim a bigassar, isto é os restos da cana d'assucar de que se extraiu todo o suministro que até ao presente se serviu para aquecer as caldeiras nas refinarias de assucar.

As seguintes cifras poderão despertar a atenção dos fabricantes europeus. Posto que a consumoção do papel teatro sido quadruplicado nos Estados Unidos, nestes ultimos annos a importação que atingiu a cifra de 4 millions de francos em 1873, caiu em 50,000 francos em 1877, e a exportação que não atingiu 20,000 francos em 1864, ultrapassou, em 1883, a cifra de 8 millions de francos.

Estas cifras correspondem do resto, ao periodo de protecção à outrance establecida do outro lado do Atlântico.

Toticonchos e incendios. — O relatório annual do departamento dos bombeiros de Birmingham consta uma grande diminuição no numero dos incendios durante o anno de 1884; esta diminuição é bem certamente devida ao emprego do telephone cujas comunicações instantâneas, transmitidas ao posto central dos bombeiros, permitem uma extinção rápida de muitos começos d'incendio.

A rede telegráfica de Londres. — Em Londres, como em Paris, os telegrammas enviados pelos fios telegráficos tendem a diminuir imenso e a ceder o lugar aos telegrammas expedidos em todas as direcções pelos tubos pneumáticos.

N'um só dia a rede dos tubos em Londres transmite 29,801 telegrammas, enquanto o telegrapho expedi 26,162.

Construção de papel. — Os architectos do novo palacio de justiça de Bruxellas fizeram uma curiosa inovação: a cúpula é toda de papel.

Usó dos raios nos caminhos de ferro. — Um engenheiro da London and North-Western Railway Company, o sr. Welsh, achou que o uso dos raios numa hora sobre os 2,864 quilometros explorados

AS ULTIMAS MODAS DE PARIS



Saia de rendas de la cendre estampada; o corpo do vestido e a segunda saia em brocado formado de cor de rosa; a frente é feita de pregas decrescentes; cintura e boudoir de veludo cor de castanho.



Vestido de primavera visto na casa Duboys de Paris; em charme verde musgo, em parte sarapintado de vermelhos; uma pequena saia formada d'um lado por quatro grandes pregas e de outro por um pano unido; na frente, gola e ornatos de velluto verde musgo.

por esta companhia é de 640 kilogrammas, seja 224 grammas por kilometro e por hora.

A CONSUMO ANNUAL D'UM INCHÉZ. — Julga-se geralmente que o povo inglês é o que mais come; eis algumas cifras que indicam a consumo anual d'um habitante da Gran-Bretanha: carne, 51 kilogrammas; assucar, 31 kilogrammas; queijo, 61\$; manteiga, 5¹4; chá, 2¹10; café, 0¹45.

OS CABOS SUBMARINOS. — O comprimento dos cabos submarinos empregados nas cinco partes do mundo é de cerca de 133.200 kilometros.

O TELEPHONE ENTRE SÃO-PETERSBURGO E MOSCOU. — Estas duas grandes cidades, distantes de 645 li-

lometros, tem agora comunicações telephonicas, estabelecidas pela direcção do caminho de ferro.

As conversações são muito fáceis, deviça ao emprego dos microphones.

A PRODUÇÃO DO FERRO NA ALLEMANHA. — A Alemanha produziu em todo o anno de 1884 = 3.572,150 toneladas de ferro.

A MÍFRICO DOS BALÓES. — O governo russo encomendou dois balões alongados, todos de seda, a uma casa de Paris, para fazer experiências sobre a direcção dos balões por meio de machines dynamo-electricas.

O governo italiano encomendou também dois balões de seda munidos de telephone.

A PRODUÇÃO DA HUJHA NA INGLATERRA. — Durante o anno de 1883, os ingleses tiraram do seu solo 164 milhãos de toneladas de carvão de terra.

O que elles extraíram n'estes últimos trinta annos chegou para a construção dum muro que fizesse a volta da terra tendo 150 de altura e de espessura, ou ainda a erecção d'uma columna de 2785 de diâmetro, cujo extremo passaria para além da lua.

A PASTA EPILATORIA DUSSER destroza os pelos feios e desagradáveis do rosto das damas, sem inconvenientes para Viselie, mesmo arrebatado. Segurança, e Eficacia garantidas. Sozinhos de sucesso, 1, rue JEAN-JACQUES ROUSSEAU, Paris, com todos os principais cabellereiros e perfumistas.



RIO DE JANEIRO. — A PEDRA DO MARISCO, RESTINGA DA TIJUCA — Desenho original de F. Villarosa

O SALON DE PARIS EM 1885

NUMERO ESPECIAL

DA ILLUSTRAÇÃO

O proximo numero da ILLUSTRAÇÃO (numero 10) é inteiramente consagrado ao *Salon de Paris de 1885*. Este numero dará ao publico de Portugal e do Brazil uma ideia geral do estado da arte francesa, tendo ao mesmo tempo um curioso e particular attractivo — desenhos dos trabalhos expostos no *Salon* pelos artistas nossos compatriotas.

Este numero é além d'isso uma perfeita novidade para os dois paizes, pois que é a primeira vez que em língua portugueza aparece um jornal ilustrado com photogravuras typographicas, a ultima palavra em aperfeiçoamentos de gravura chimica. E a tiragem d'estas gravuras vai ser feita com um cuidado particular, dando este numero da ILLUSTRAÇÃO uma ideia perfeita dos ultimos progressos obtidos pela typographia.

AVISO IMPORTANTE

A execução typographica d'este numero sendo deveras dispendiosa — os preços da VENDA AVULSO tem de ser alterados. Só os nossos estimaveis assignantes de trimestre, semestre e anno é que recebem este numero sem alteração de preço, pelo preço ordinario dos outros numeros. As pessoas que o comprarem avulso é que terão de pagar não o preço ordinario, mas o preço marcado na primeira pagina d'esse numero especial da ILLUSTRAÇÃO.

AS CAPAS DA ILLUSTRAÇÃO

AVISO IMPORTANTE

Lembramos a todos os nossos assignantes, e a todas as pessoas que fazem colleção da ILLUSTRAÇÃO que estão quase esgotadas as remessas de capas feitas expressamente em Paris para encadernar o primeiro volume do nosso jornal.

Essas capas são de magnifica *precaline* vermelha assetinada, com ornatos estylo Renascença a preto e ouro — as unicas que são modelo exclusivo das nossas encadernações, vindo todas firmadas com a assignatura do director da ILLUSTRAÇÃO. Essas capas foram executadas nas famosas officinas da casa Engel et C.^o de Paris, e constituem a ultima novidade parisiense em encadernações para livros de luxo. Todos os pedidos devem ser dirigidos em Lisboa ao

SR. DAVID CORAZZI

42, rua da Atalaya, 42

E no Rio de Janeiro à

GAZETA DE NOTICIAS

70, rua do Ouvidor, 70

Preço no Rio de Janeiro..	3,000 reis
— nas provincias.	3,300 "

(COMPREHENDIDO SÉLLO E REGISTRO)

HOTEL LUZO-BRASIL FIBRO

PARVUS

398-1108-M-ML101411-00

LAPIERRE

Também fomos de participar ao *ptMu*
do *Centro Universitário* diretamente à *Vsco*
fazendo *elecionHil*, *Muito* fazendo *Hil* em *Ch*.
Paris seja criativa para todos e bonita.



Xarone-Zed
atope-Zed

(De CODIMNA a TOLU)

9. Xarope Zeri empregado contra as infecções da Farinha, Tosse dos Tricôs, Tosse Gomulosa (Esquentaço), Brouxilhas, Contíndes, Catarricos e Insomnios tempestivos, □
PARIS, Rue Drouot, 12. — Phanuelas.



YABOBE

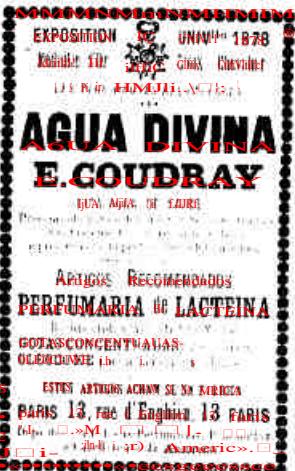
Pilulas Rébillon

[View Details](#)

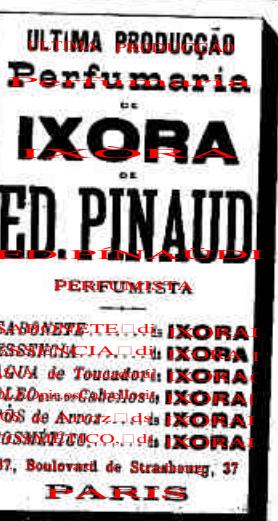
Chlorose. **Quinina.**
Eflrach certa: **Chlorose.** Flores
brancos. Suppresso: o desordem da
menstruacão. Doengas do peito,
Dores de estomago. Gastralgia. Bar-
obistismo. Esoroiditis. Febres simples.
Doengas nervosas.

Bengala fervida.
É o único remédio que se deve empregar com exclusão de qualquer outra substância.

Vers o folheto que acompanha cada frase
Vidéo por atacape na Paris.
GRI. VIMARD & PETIT, made Pe Po-Royal
Dáspalos nos Rio-Jatobá e nas Províncias,
em todas as Pharmacias e Drapierias.



*A chlorose e a anemia
ao filamento combatidos
junto que o ferro.
com o engorgo de sangue do
Ferro féravam. Este
torna a dar ao sangue
improbável a coloração
verde com a moléstia
deputada em todos a principios charr-
euvio.*



AS MUSICAS DA « ILLUSTRAÇÃO »

LA GARDE PASSE

GRÉTRY

MARCA DOS JANISAROS. — EXTRATO DOS DOIS AVARENTOS.

AVISO IMPORTANTE. — Este trecho deve começar *pianissimo*, continuar *crescendo* até ao meio, que deve ser tocado *fotissimo*. A partir do meio deve-se tocar *diminuendo*, gradualmente, até *smorzando*, para acabar. O efeito a obter é o d'um batalhão que vem longe, que se apprimeia, passa e desaparece.

Tempo giusto.

PIANO.